

## EDITORIAL

As discussões que resultaram nesta **REDOBRA Arquivo Vivo** se iniciaram no ano de 2021, ano em que a pesquisa coletiva *Arquivo Laboratório Urbano* enfrentava desafios, alguns compartilhados com todo resto do mundo afetado pelos efeitos da pandemia de Covid-19, e outros singulares, que diziam de sua existência como **dobra** do grupo em que nasce, em que se assenta, e cujo acervo foi seu objeto e tema central. A partir de 2019, essa pesquisa, que buscava aparições das palavras Experiência e Narrativas Urbanas no acervo do Laboratório, começou a ocupar-se dessa outra palavra, Arquivo que, apesar de dar nome à pesquisa, era tratada com certa naturalidade, quase correspondente aos lugares físicos onde livros, teses, dissertações, tccs e outros documentos acadêmicos, como registros em áudio e vídeos, estavam guardados. Porém, os procedimentos escolhidos para realizar a pesquisa inevitavelmente nos levaram a suspender essa palavra e muitas perguntas surgiram daí: O que é um arquivo? O que pode ser um arquivo? Porquê arquivar? Quais narrativas urbanas são guardadas e arquivadas? Pode o corpo ser considerado um arquivo? Que corpo encontramos nas narrativas arquivadas? E a cidade, existe como um apanhado de arquivos?

A proposição dessa revista é um efeito da tentativa de composição dessas palavras: arquivo-corpo-cidade, com interlocutores que colaboram com diferentes percepções do que pode um arquivo. Entre perdas, ruínas, incêndios, silenciamentos, desperdícios, e, por outro lado, entre coleções que recolhem as ruínas e guardam vestígios, dão testemunhos de vidas, lugares, tempos, que buscam elaborar perdas e adensar a trama social com outras histórias.

## A RUÍNA DO ARQUIVO - ANARQUIVAR CORPO-CIDADE

No dia 09 de setembro de 2020, o campo da arquitetura e do urbanismo acordou assombrado com a notícia, primeiramente publicada por um jornal português de orientação progressista<sup>1</sup>, de que o acervo do premiado arquiteto paulistano Paulo Mendes da Rocha, prêmio Pritzker de 2006, havia sido doado integralmente a uma recém-criada instituição portuguesa, localizada no Porto e denominada Casa da Arquitectura. A partir da primeira notícia da doação do arquivo, decisão tomada pelo próprio arquiteto, então ainda vivo, e sua evasão do país sem chance de negociação, uma polêmica se instaurou e rapidamente se alastrou pelas redes sociais. Paulo Mendes da Rocha teve a oportunidade de justificar, tendo tido espaço para tanto em grandes jornais, a respeito da decisão da doação, comentou em entrevista na rádio CBN<sup>2</sup>: “O Nuno, meu amigo, me pediu e eu dei”.

Em sua defesa rapidamente um grupo não muito diverso de arquitetos – brasileiros e estrangeiros – assinou uma carta pública chamada “Um abraço no Paulo” publicada simultaneamente nos maiores portais de notícias do campo, no dia 20 de setembro de 2020. A carta, redigida como uma defesa à decisão do arquiteto, chamou a doação de “ação civilizadora”, sem margem para avaliar criticamente essa espontânea expatriação Sul - Norte do acervo em si, à luz da contemporaneidade, momento em que o mundo discute a repatriação Norte - Sul de acervos, dos mais diversos tipos, como sinalização da necessidade de reparação da histórica postura imperialista de países do que hoje chamamos de Norte Global, frente ao patrimônio cultural do “Sul”. De encontro aos movimentos contemporâneos de reparação, a doação se justificava pois, nas então palavras de Paulo, Brasil e Portugal “já foram um país só”.

8

Colocada em evidência por essa polêmica, a questão dos arquivos de Arquitetura e Urbanismo entrou definitivamente na pauta do campo e vem sendo amplamente discutida. Uma importante rede de arquivos, encabeçada pelo Instituto dos Arquitetos Brasileiros foi criada<sup>3</sup>, seminários e edições especiais de periódicos da área se debruçaram sobre o assunto. Paralelamente às discussões e crescente valorização da figura do arquivo no campo, a ruína dos arquivos se mostrava inevitável. O teto de gastos aprovado após o golpe parlamentar de 2016 e a escassez de recursos para manutenção básica das instituições que tutelam importantes acervos expôs sua frágil condição de existência. Nos últimos anos, observamos, com perplexidade e uma sensação de crescente impotência, as chamadas consumindo o Museu Nacional em julho 2018, a Cinemateca Brasileira em dezembro de 2021, entre outras instituições. Em abril de 2021 um conjunto de salas do Núcleo de Pesquisa e Documentação (NPD) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro foi atingida por um incêndio fruto de um curto-circuito elétrico. O NPD é uma das instituições mais importantes do campo, mantenedora de um dos maiores acervos de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo do Hemisfério Sul e teve parte do seu acervo comprometida pelo fogo e pela fuligem do incêndio que atingiu o segundo andar do prédio.

Eduardo Augusto Costa, em seu artigo “Mudanças epistemológicas na Arquitetura: entre Arquivos, Exposições e Publicações”<sup>4</sup>, trata das viradas sociológica e etnográfica e seus impactos a partir dos anos 1970 no entendimento da arquitetura, ou dos desenhos de arquitetura como “como artefatos que atuam e constroem a cultura” (2021, p.137), justificando o então súbito aparecimento dos arquivos do campo, como Centro Georges Pompidou em 1977, o International Confederation of Architecture Museums (ICAM) em 1979, o Canadian Centre for Architecture (CCA) no mesmo ano, seguido da Section of Architectural Archives (SAR), criada em 1990 como parte dedicada à acervos em arquitetura da International Confederation of Archives (ICA).

No momento em que há essa inflexão sobre o (mal ou a política do) arquivo, o arquivamento da vida privada, a multiplicação das micro históricas, a multiplicação dos lugares de memória, como coloca Pierre Nora<sup>5</sup>, que foram as décadas de 70/80, o Brasil enfrentava a ditadura militar, que limitou a possibilidade de arquivamento e memória. Quando abordamos essa literatura precisamos ter isso em mente: o que acontecia no Brasil da década de 1970 e 1980 é diametralmente oposto ao que acontecia no restante do mundo no que tange ao resgate e à preservação da memória através dos arquivos.

Nas últimas duas décadas, com o envelhecimento dos arquitetos modernistas e brutalistas brasileiros das mais variadas escolas, seus arquivos pessoais mantidos pelos herdeiros foram sendo desmantelados e sua tutela muitas vezes negada pelas instituições de ensino, pelos institutos e conselhos profissionais do campo profissional, muito frequentemente por falta de recursos condições para mantê-los. Nesse período, enquanto o bem estabelecido Centro Canadense de Arquitetura ou até mesmo a nova instituição Casa da Architectura possuem estrutura e fundos para a compra dos acervos e arquivos pessoais de arquitetos e arquitetas do mundo todo, professores, pesquisadores, historiadores e arquivistas brasileiros compartilham histórias sobre caixas e rolos contendo projetos originais sendo resgatados de caçamba ou quarenta anos de memórias completas de escritórios sendo vendidos como papel reciclável.

Pensar a nossa ruína contemporânea do arquivo é pensar em formas alternativas da preservação da memória do campo, e ampliar para questões que ampliam esse campo, é pensar no corpo e na cidade como suportes de memória. Também é pensar na composição destas ruínas, no que é considerado memorável e quais são as memórias que encontrarão amarras ao tecido de significações do nosso tempo e serão, por isso, transmitidas. Quem são os narradores, quais são os personagens, como se contorna e divide o uso do território, quais características dos corpos e das cidades que fazem os arquivos desde onde nossas histórias são contadas, o que produzirão outros arquivos a partir delas? A era do (mal de) arquivo reduziu tendenciosamente tudo aos arquivos do poder, repletos de apagamentos intencionais, incêndios produzidos. A “barbárie” foi combatida

com uma história civilizatória repleta de violências, extermínios, silenciamentos, um aniquilamento “letrado”, que acompanhamos no último século e antes, e que se intensifica a cada dia. A pandemia de Covid-19, que nos acompanhou na construção dessa edição **REDOBRA Arquivo Vivo**, fez crescer a conta dos genocídios conhecidos.

No último século, a consciência cada vez maior de que nossa vida se compõe de um apanhado de arquivos veio acompanhada de um grande abalo das narrativas legitimadoras do sentido da humanidade e da morte da figura do Narrador, no sentido benjaminiano, como nos traz Márcio Seligman-Silva, em seu livro recém lançado “Walter Benjamin e a Guerra das imagens” (2023). Essa crise possibilitou tanto uma quebra da fé nos arquivos como também uma revolta pela normatização, cuja régua é estabelecida pelos donos do poder, desenhando os limiares dos mundos, quem está dentro e quem está fora. No caso do Brasil, os que estão fora são a grande maioria. Baseado em uma definição de Walter Benjamin para o colecionismo, Seligman-Silva (2023) adota o conceito de *Anarquivamento* como um sismógrafo para cartografar movimentos artísticos que desde o final século XIX tem como perspectiva “recoleccionar as ruínas dos arquivos e reconstruí-las de forma crítica” (2023, p. 39).

10

Recolher, coletar, montar, outros arquivos, embaralhar, remontar, recompor, a partir dos restos dos incêndios, os arquivos do poder, “O artista quer destruir os arquivos que funcionam como máquinas identitárias de destruição, pois eliminam os que são diferentes do ‘tipo’” (2023, p. 39). Esse ato de “escovar a contrapelo” a história, imagem potente que Benjamin nos legou em suas Teses sobre o conceito de história, e a imagem-gesto de *Anarquivamento* foram conceitos que nos conduziram no trabalho de edição dessa **REDOBRA Arquivo Vivo**.

A experiência do corpo na cidade nos conduzia como fio de meada, como lugar-gestual de operação arquivística e também como arquivo, como rastro recolhido na narrativa urbana que dá forma e/ou estiliza os contornos dos espaços. Organizamos o presente número como uma reação a essas reflexões – as ruínas do arquivo e o ímpeto do anarquivamento do corpo e da cidade. Ao longo das diferentes seções, apresentamos a ruína e a potência dos arquivos, assim como diferentes abordagens do corpo como arquivo e da cidade como arquivo.

Esta **REDOBRA Arquivo Vivo** se inicia com dupla seção de **ENTREVISTAS**. Abrimos a edição com a conversa entre **Caetana Dultra Britto**, conservadora integrante do coletivo FOLIO de Preservação de Acervos, e **Dina Elisabete Uliana**, arquivista do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo IEB - USP. Nessa entrevista, Dina discorre sobre seus mais de 30 anos de experiência como bibliotecária e arquivista, e os desafios enfrentados ao ter sido responsável por uma das bibliotecas mais importantes em Arquitetura e Urbanismo do país, a biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

O segundo bloco de **ENTREVISTAS**, em continuidade à proposta de incluir a participação do nosso Conselho Editorial no debate, apresenta as reações de três de seus membros frente às questões formuladas pelas editoras deste número 17: Por que parece necessário e importante arquivar? O que parece possível e eficaz arquivar hoje? Em textos provocativos, Ricardo Trevisan, Fernanda Arêas Peixoto e Josianne Francia Cerasoli oferecem reflexões que tensionam o tema a partir de três campos: arquitetura e urbanismo, antropologia e história, respectivamente.

Na seção **ENSAIOS**, apresentamos cinco acervos distintos. O primeiro acervo, um ensaio visual inédito chamado **Acervo da Laje: notas iniciais de pesquisa**, exhibe ao público de fora de Salvador a fabulosa experiência e espacialidade do Acervo da Laje. A partir de texto escrito por José Eduardo Ferreira Santos e Vilma Soares Ferreira Santos, responsáveis pela concepção, coordenação e proposta de curadoria da instituição, e imagens de Caroline Silva Souza e Marina Muniz, o público leitor pode explorar a proposta curatorial, sua metodologia, os modos de composição dos acervos e o engajamento com os visitantes - doadores, a proposta de expografia da casa, além da apresentação de exposições montadas a partir de peças do Acervo. Essa experiência é feita através de descrição e registros do acervo in loco e de sua espacialidade estimulante. Caroline Silva Souza, José Eduardo Ferreira Santos e Milena dos Santos Silva apresentam posteriormente o texto **Um Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC) para a Associação Cultural Acervo da Laje**, que trata do processo de criação de um centro de documentação e pesquisa que buscou instrumentalizar e salvaguardar este importante patrimônio cultural do subúrbio ferroviário de Salvador, bem como facilitar seu acesso e consulta pela própria população suburbana. O segundo acervo apresentado é o Museu das Memórias (In)Possíveis, descrito por Máira Brum Rieck e Edson Luiz André de Sousa, no texto **Um museu para guardar memórias e abrir futuros**. O Museu das Memórias (In)possíveis é um projeto do Instituto APPOA, da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, trata-se de um museu virtual composto de um conjunto de acervos de narrativas (com os mais diversos suportes) que contam histórias de sujeitos que sofreram rupturas com o laço social ou encontram-se em lugar de exclusão. A partir da apresentação da proposta do Museu, Joana Horst e André Oliveira Costa descrevem, em **Inventário dos Sonhos: um desenho de arquivo**, uma das coleções acolhidas pelo Museu, um conjunto de narrativas de sonhos, coletado a partir de 2020 durante a pandemia pelo vírus Covid-19, testemunho dos abalos produzidos pela interrupção das diretrizes coletivas e individuais, pelo imenso número de vidas perdidas para a doença, e no Brasil, e em alguns outros países, pela necropolítica evidente da administração governamental dessa crise. Na sequência, Daniel Sabóia Almeida Barreto e Tiago Nogueira Ribeiro, em **Ausências e Aparições: o vazio e os fantasmas na Biblioteca Central da Bahia**, convidam-nos a percorrer os corredores do acervo da Biblioteca Central do Estado da Bahia, co-

nhecida como Biblioteca dos Barris, em Salvador. Entendendo a biblioteca simultaneamente como edifício, coleção de escritos e conjunto de práticas de organização, conservação e difusão de conhecimento, os autores mostram, a partir de uma reflexão histórica e de experiências artísticas, a característica fantasmagórica do acervo nos dias atuais, apontando para possíveis práticas a partir do acervo-vazio. O quarto acervo é apresentado a partir do trabalho das conservadoras Caetana Britto, Fernanda Auada e Paula Borgo em **Os cadernos de Carolina Maria de Jesus, relato de um tratamento compartilhado**. Durante o ano de 2020 as autoras se debruçaram sobre oito dos trinta e sete cadernos manuscritos pela escritora Carolina Maria de Jesus, com o objetivo de restaurá-los para a exibição na Bienal de Arte de São Paulo, e prepará-los para a sua posterior devolução para o Arquivo de Sacramento, cidade natal da escritora. Por fim, Carolina Pescatori e Ricardo Trevisan apresentam **Coimbra Bueno e Cia Ltda.: nebulosas de um acervo em construção**. Neste texto os autores apresentam o acervo da empresa incorporadora e urbanizadora Coimbra Bueno e Cia. Ltd, empresa responsável não apenas pelo projeto da cidade de Goiânia, mas como de inúmeros assentamentos no eixo centro oeste brasileiro (São Paulo, Mato-Grosso e Goiás), além de projetos nos estados do Paraná, Rio de Janeiro e Bahia. A oportunidade apresentada pela descoberta das duas toneladas de papel que somam o acervo da empresa, então em risco de serem descartadas pelos herdeiros dos seus proprietários, revela importantes nebulosas sobre o processo de urbanização e planejamento urbano conduzidos nas primeiras décadas do século XX.

12

A seção **EXPERIÊNCIAS** se inicia com o texto que representa a pesquisa coletiva Arquivo Laboratório Urbano, chamado **Mensagem na garrafa: arquivo como apontamento para o futuro**. Iniciamos a seção com um relato redigido por Janaina Bechler, Eliana Rosa de Queiroz Barbosa, Marcos Britto, Rafael Luis Silva e Agnes Cajaíba, representando o coletivo de pesquisadores que se debruça, desde 2015, sobre o arquivo sempre em composição e expansão, do grupo de pesquisa Laboratório Urbano. Como ato final da pesquisa, ou mensagem na garrafa arremessada para os futuros pesquisadores do grupo, o texto reflete sobre o que significa, ou pode significar compor um acervo em movimento, um arquivo vivo. A partir do texto de abertura, participam dessa seção Janaina Chavier, Rafaela Lino Izeli e Agnes Cajaíba, apresentando textos individuais e originais. As autoras, cada uma com seu acervo suporte, investigam modos de (re)compor arquivos a partir da experiência urbana. No texto **Fotocolor**, Janaina Chavier usa sua própria experiência, compartilhada com muitos outros- interlocutores, para a criação de um arquivo das muitas temporalidades da Rua Chile na atualidade. Em **Saltar é preciso: pequena coleção de imagens e pensamentos** Rafaela Izeli se apropria de um acervo de cartões postais do Porto da Barra para compor imagem-cidade-pensamento. Agnes Cajaíba explora o suporte dos álbuns de família para tratar da história e da urbanidade dos subúrbios baianos em **Imagens de futuro: outras narrativas sobre a experiência urbana em álbuns**

**de família.** O último texto dessa seção, assinado por Júlia Domínguez, Leonardo Vieira, Nathan Bastos e Rafaela Lino Izeli intitula-se **Entre os acúmulos da história: Cronologia do Pensamento Urbanístico.** O texto apresenta contribuição da pesquisa coletiva Cronologia do Pensamento Urbanístico e apresenta um trabalho de reconfiguração dos acontecimentos históricos dentro da pesquisa, discorrendo sobre seus métodos a partir da apresentação da produção de um de seus verbetes, referente aos Congressos Pan-americanos de Arquitetos.

Na seção **DEBATES** apresentamos textos de Márcio Seligmann-Silva; Roberta Ramos Marques e Fabiana Dultra Britto; e Washington Drummond. O texto **São Paulo: fotografia como anarquivamento de seu inconsciente urbano** de Márcio Seligman-Silva inicia essa seção com um passeio no centro da cidade de São Paulo onde é conduzido pela perspectiva multiperspectiva de seu amigo e interlocutor Oreme Ikpeng, experiência que lhe leva a convidar outros três interlocutores: Walter Benjamin, Claude Levi-Strauss e Carlos Goldgrub, para percorrer essa cidade brasileira em gestos de desconstrução e anarquivamento, encontrando, talvez, a “revelação de um certo inconsciente urbano” e alguma horizontalidade. Em **Reagências do/no presente: propostas para o ensino de uma historiografia da dança corporificada e afetiva**, Roberta Marques e Fabiana Britto discorrem sobre a perspectiva do corpo como arquivo a partir de reflexões provenientes do campo da dança, apresentada a partir da noção de reagência e de experimentos historiográficos, que mobilizam os acervos corporificados de bailarinos, companhias de dança e coreógrafos, acervos que provocam novas agências e a alteridade crítica entre presente e passado. Washington Drummond nos provoca a pensar o ato de arquivar a partir de leituras de Bataille e Foucault, com os conceitos de heterologia e infâmia, conduzindo a problematizar uma possível compulsão contemporânea pelo arquivamento, em seu ensaio **Pequena genealogia dos arquivos** seguida de **O mundo não é um museu.**

13

Fechando esta edição, a seção **RESENHAS** reproduz o texto **Aquivos em movimento ou meditações sobre lugares e lares da memória** de Margareth da Silva Pereira publicado originalmente no livro “Arquivos, memórias da cidade, historiografias da arquitetura e do urbanismo”, organizado por Ana Castro, Joana Mello e Eduardo Costa. Em seu texto, Margareth dialoga com Arlette Farge, Derrida, Diana Taylor discorrendo sobre a expansão das práticas de arquivamento e a situação “em movimento” dos acervos em arquitetura e urbanismo e o envolvimento dos pesquisadores do campo com a reflexão sobre o tema, engajando “seus próprios corpos com esse acumular-se que se chama arquivos”. Fechamos a edição com a resenha **No corpo o tempo bailarina**, escrita por Eliana Barbosa sobre o livro “Performances do tempo espiralar”. Esta obra de Leda Maria Martins é interpretada como uma coleção de saberes-acervos corporificados, que, com base na tradição gestual afro-brasileira, transformam-se em acervos-eventos, numa reflexão sobre corpos, tempos e ancestralidades, aproxi-

mando a noção de arquivo a uma forma performática de habitar temporalidades múltiplas.

Sem nenhuma presunção conclusiva, esta edição nº 17 da **REDOBRA** apenas ressoa o longo e instigante processo que lhe concretizou e pontua mais um desdobramento do seu projeto editorial cuja condição acadêmica, contudo, não se dobra aos imperativos indexadores nem às expectativas dogmáticas que reduzem lutas a lemas. Esperamos que esta **REDOBRA** mobilize outras várias expansões da articulação corpo-cidade-arquivo.

Boa leitura!

Eliana Barbosa  
Fabiana Dultra Britto  
Janaina Bechler

## NOTAS

<sup>1</sup> A referida publicação se encontra no link: <https://www.publico.pt/2020/09/09/culturaipilon/noticia/paulo-mendes-rocha-doou-acervo-casa-arquitetura-1931011>, consultado em 06 de novembro de 2023.

<sup>2</sup> A íntegra do áudio da entrevista pode ser encontrada no link: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/315135/eu-serei-sempre-um-arquiteto-brasileiro-e-maior-pa.htm>, consultado em 06 de novembro de 2023.

<sup>3</sup> Rede Brasileira de Arquivos em Arquitetura e Urbanismo, mais informações em: <https://www.iabsp.org.br/rede-de-acervos-de-arquitetura-e-urbanismo/>

<sup>4</sup> Costa, Eduardo Augusto. *Mudanças epistemológicas na arquitetura: entre arquivos, exposições e publicações*. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol 34, nº 72, p.129-147, Janeiro-Abril 2021.

<sup>5</sup> Nora, Pierre ([1984]2008) *Los Lugares de la memoria*. Motevideo: Ediciones Triplíce.